

Particípios parasíticos em português? O caso do gerúndio composto¹

Vanessa K. López

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract:

The compound gerund (gerund of the auxiliary + past participle) in Romance languages typically expresses an anteriority relation between the situation described by the (adjunct) gerund clause and the one described by the main clause, i.e. it locates the situation of the gerund clause before the one of the main clause. However, in Portuguese the compound form can also be associated with temporal relations of posteriority, overlapping and temporal underspecification (see Leal, 2001; Mória & Viotti, 2005; Lobo, 2006; Cunha *et al.*, 2008 a.o.). This non-anteriority compound gerund exhibits certain peculiarities, namely (i) it can only occur to the right of the matrix clause, (ii) it can freely alternate with the simple gerund, without affecting the interpretation of the clause, and (iii) it can only co-occur with certain T heads in the matrix clause, namely with those containing an [+ ANTERIOR] feature. Wurmbrand (2012) describes a similar set of properties for the parasitic participles in Germanic languages and explains them through feature valuation in Reverse Agree. In this paper, I will argue that the Portuguese non-anteriority compound gerund is a product of the same syntactic mechanism and occurs due to feature valuation of the gerund T against the matrix T in Upward Agree.

Keywords: compound gerund, adjunct clauses, temporal relations, parasitic participles, Upward Agree

Palavras-chave: gerúndio composto, orações adjuntas, relações temporais, particípios parasíticos, *Upward Agree*

1. Introdução

O gerúndio em português é usado numa série de contextos com as mais variadas funções (cf. Mória & Viotti, 2004, 2005). O presente trabalho centrar-se-á no gerúndio composto (*tendo* + particípio passado), doravante GC, em orações adjuntas e nas relações temporais a que pode estar ligado. A forma composta é tradicionalmente associada a um valor de anterioridade da situação descrita pela oração gerundiva relativamente à situação descrita pela matriz (Cunha & Cintra, 1987: 487). No entanto, como foi notado por vários autores, o GC também pode estar associado a relações temporais de não anterioridade (cf. Leal, 2001; Mória & Viotti, 2004, 2005; Lobo, 2006, 2013; Cunha *et al.*, 2008, e.o.).

Na secção 2, serão descritas as relações temporais expressas pelo GC, assim como as propriedades que distinguem o GC de anterioridade do GC de não anterioridade. Discutir-se-ão também os problemas de uma explicação puramente morfológica deste fenómeno. Na secção 3, será apresentado um fenómeno das línguas

¹ Este artigo foi realizado com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do financiamento UID/LIN/00214/2013 atribuído ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. O presente trabalho é parte integrante da minha dissertação de mestrado, que está a ser desenvolvida na Universidade de Lisboa sob orientação da Professora Doutora Inês Duarte e do Professor Doutor Telmo Mória. Agradeço os comentários de dois revisores anónimos, assim como as valiosas discussões e sugestões do Professor Doutor Telmo Mória e da Doutora Catarina Magro relativamente a versões anteriores deste artigo. Naturalmente, quaisquer erros são da minha inteira responsabilidade.



germânicas conhecido como participios parasíticos, que partilha algumas características com o GC de não anterioridade. Na secção 4, será discutido até que ponto uma análise sintática, semelhante à proposta para os participios parasíticos, consegue dar conta das diferenças entre o GC de anterioridade e o de não anterioridade. A secção 5 conclui o artigo.

2. O gerúndio composto em orações adjuntas

2.1. Relações temporais e discursivas

O gerúndio composto é tradicionalmente associado às relações temporais e discursivas de anterioridade. Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, é referido que a forma “é de carácter perfeito e indica uma acção concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal” (Cunha & Cintra, 1987: 487). Esta anterioridade pode ser tanto uma simples anterioridade narrativa, como exemplificado em (1), como uma anterioridade causal, em sequências com relações discursivas da família Resultado/Explicação (cf. Asher & Lascarides, 2003), como exemplificado em (2).

- (1) Tendo tomado o pequeno-almoço, a Ana saiu de casa.
- (2) Tendo saído tarde de casa, o Pedro chegou atrasado ao trabalho.

No entanto, tem sido notado por vários autores (cf. Leal, 2001; Mória & Viotti, 2004, 2005; Lobo, 2006, 2013; Cunha *et al.*, 2008, e.o.) que, em português, o GC também pode estar associado a relações discursivas de não anterioridade, nomeadamente de posterioridade e sobreposição, assim como a relações discursivas que não especificam a ordem temporal das duas situações.

Lobo (2006: 10) refere a possibilidade de o GC expressar posterioridade como uma das características das orações gerundivas periféricas adjuntas à direita da matriz. Esta propriedade é ilustrada em (3). Baseados em dados do *corpus* CETEMPúblico, Cunha *et al.* (2008) estudam as relações temporais e discursivas veiculadas pelas orações gerundivas. Os autores referem que a relação de Narração (posterioridade narrativa) é, de facto, a relação mais frequente nas orações pospostas de GC (*ibid.*: 266), como exemplificado em (4). Porém, no *corpus* CETEMPúblico, encontram-se também exemplos de relações de posterioridade causal (isto é, a relação discursiva de Resultado, com a gerundiva em posição final a expressar diretamente a consequência relevante), como mostra o exemplo em (5) (cf. também Cunha *et al.*, 2008: 272).

- (3) A Ana saiu de casa, tendo ido diretamente ao aeroporto.
- (4) A mulher de Honecker, Margot, abandonou ontem a embaixada chilena em Moscovo, tendo seguido directamente para Santiago do Chile.
(CETEMPúblico, *apud* Cunha *et al.*, 2008: 267)
- (5) Portanto, ganhei em 1975, depois em 1977 e em 1979, ou seja, em três campeonatos consecutivos, tendo sido contratada por um clube impressionado com os meus feitos desportivos.
(CETEMPúblico, ext372662-des-92a-1, exemplo adaptado)

Na literatura sobre este tópico ainda se refere a possibilidade de o GC estar associado a relações de sobreposição temporal entre as situações descritas pela gerundiva posposta e pela frase matriz, nomeadamente



de Elaboração e Enquadramento (cf. Mória & Viotti, 2005: 723; Cunha *et al.*, 2008: 272), o que é exemplificado em (6) e (7), respetivamente².

- (6) O Pedro renovou o jardim, tendo colocado cercas de madeira em todos os canteiros.
 (7) A Ana esteve deitada na praia toda a tarde, tendo visto passar vários iates de luxo.
 (Mória & Viotti, 2005: 723)

Mória & Viotti (2005: 720-721) sublinham que o gerúndio não pode conectar situações semanticamente desconexas (mesmo que elas estejam associadas a um tópico discursivo comum, observável num contexto mais alargado – Mória, c.p.), como mostra a agramaticalidade de (8). No entanto, os autores referem que o gerúndio é frequentemente usado em “descrições de situações sem uma relação temporal claramente definida” (*ibid.*: 724). Os autores chamam a este tipo de gerúndio “gerúndio neutro”. As relações discursivas associadas ao gerúndio neutro distinguem-se pela possível indefinição da ordenação temporal das duas situações, tal como acontece, por exemplo, em casos de Contraste ou Comentário. Esta propriedade é ilustrada em (9).

- (8) *Houve um terramoto na Ásia, tendo a CGTP anunciado uma greve geral para Setembro.
 (Mória & Viotti, 2005: 719)
 (9) Só perdeu uma vez, em Braga, e pela margem mínima, tendo vencido por três ocasiões e empatado duas.
 (CETEMPúblico, ext1130790-des-96b-1)

Observamos, em suma, que o GC em português pode estar associado a diferentes tipos de relações temporais (anterioridade, posterioridade, sobreposição), assim como a relações discursivas em que a ordem temporal das duas situações não é especificada.

2.2. Diferenças entre o gerúndio composto de anterioridade e de não anterioridade

Nesta secção, serão discutidas as particularidades de comportamento do GC de não anterioridade, que o distinguem do GC de anterioridade. Como foi notado por vários autores, o primeiro tem restrições distribucionais mais fortes que o segundo.

Em primeiro lugar, observa-se que o GC de anterioridade pode ocorrer tanto à esquerda como à direita da frase matriz, como exemplificado em (10). O GC de não anterioridade, pelo contrário, apenas pode ocorrer à direita da matriz (cf. Lobo, 2006; Cunha *et al.*, 2008), como mostra o contraste entre (11a) e (11b)³.

- (10) a. Tendo tomado o pequeno-almoço na cozinha a correr, a Ana saiu de casa atrasada.
 b. A Ana saiu de casa atrasada, tendo tomado o pequeno-almoço na cozinha a correr.
 (11) a. *Tendo tomado o pequeno-almoço no caminho para o trabalho, a Ana saiu de casa atrasada.
 b. A Ana saiu de casa atrasada, tendo tomado o pequeno-almoço no caminho para o trabalho.

² Note-se que, em (6), a gerúndiva expressa a situação que “elabora” (isto é, a subsituação da situação expressa na matriz) e, em (7), a situação que é enquadrada (não a que enquadra). Isto é, em ambos os exemplos estamos perante casos de inclusão temporal da situação expressa na gerúndiva no intervalo da situação expressa pela matriz. Por motivos abordados na secção 4.1., prevê-se que o caso oposto (isto é, em que a situação descrita pela matriz está incluída no intervalo da situação descrita por uma oração de GC) não seja possível (cf. e.g. *“a Ana viu um navio, tendo estado deitada na praia”*). No entanto, será necessário um estudo mais aprofundado para testar esta hipótese. Por este motivo, manter-se-á, neste trabalho, a designação mais genérica de sobreposição temporal.

³ Nesta secção, por motivos de espaço, o GC de posterioridade usar-se-á como exemplo do GC de não anterioridade. Contudo, o que é dito aplica-se também aos outros tipos de GC de não anterioridade.



Em segundo lugar, o GC de anterioridade não apresenta nenhum tipo de restrição relativamente à localização da situação descrita pela oração matriz no eixo do tempo, pelo que, na frase matriz, pode ocorrer qualquer tempo verbal, como se vê em (12). Uma pesquisa no *corpus* CETEMPúblico revela que o GC de não anterioridade, por seu lado, apenas ocorre com os tempos verbais que localizam o início da situação matriz no passado ($[\text{beg}(\text{ev}) < n]$), nomeadamente com o pretérito perfeito simples e composto, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito simples e composto e com o condicional simples (com o valor de futuro do pretérito). Ocorrências com formas de presente ou de futuro não foram encontradas (cf. (13)).

- (12) A Ana {saiu / saía [naquele momento] / sai [neste preciso momento] / sairá} de casa, tendo já tomado o pequeno-almoço.
- (13) A Ana {saiu / saía [naquele momento] / *sai [neste preciso momento] / *sairá} de casa, tendo ido diretamente ao aeroporto.

Estas restrições de coocorrência têm sido descritas de diferentes maneiras. Leal refere o traço [+PASSADO]⁴ como característica distintiva do GC, isto é, “a informação é a de que a eventualidade está terminada antes” do ponto de perspetiva temporal (PPT) (2001: 154). Cunha *et al.* acrescentam que nas orações gerundivas pospostas, “o PPT seleccionado tanto poderá ser fornecido pela frase matriz quanto pelo momento da enunciação” (2008: 271, cf. também Leal, 2001). Se a relação temporal entre gerundiva e matriz não é de anterioridade, o PPT tem de ser obrigatoriamente o momento de enunciação. Neste caso, para que a situação descrita pela gerundiva possa ser posterior à situação descrita pela matriz e, ao mesmo tempo, anterior ao momento de enunciação, ela tem de estar necessariamente localizada antes do momento de enunciação. Na generalidade dos casos, é de facto isso que acontece e tal explica a aparente correlação entre a aparição do GC de não anterioridade e a presença, na matriz, de um tempo verbal que localiza a situação no passado (por exemplo o pretérito perfeito ou imperfeito, mas não o presente ou o futuro, em (13)).

No entanto, há alguns casos mais complexos, tanto quanto sei não descritos na literatura, e que são bastante interessantes. Observe-se o exemplo (14a). A oração gerundiva está adjunta a uma oração completiva verbal, seleccionada por um verbo numa forma futura (*admitirá*), e a completiva verbal, por sua vez, expressa anterioridade relativamente à situação descrita pela matriz (a admissão da culpa), que é marcado pelo infinitivo perfeito (*ter circulado*). A situação descrita pela completiva verbal (a circulação em excesso de velocidade) é futura relativamente ao momento de enunciação. Neste caso, o GC de não anterioridade coocorre com um tempo matriz futuro (na subordinante da completiva – *admitirá*) e as relações temporais relevantes são posterioridade ao ev2, mas anterioridade (conjuntamente com o ev2) ao ev1 (cf. (14b)). Em suma, como já foi dito, a oração a que a gerundiva está adjunta também contém um traço de anterioridade (associado à forma *ter circulado*), nomeadamente de anterioridade relativamente à situação descrita pela sua matriz, mas – crucialmente – **a situação descrita na gerundiva não é apresentada como anterior ao momento da enunciação, nem anterior à situação descrita pela frase a que está diretamente adjunta.**

- (14) a. Uma bruxa olha para a sua bola de cristal e prediz o seguinte: Amanhã o Pedro terá um acidente de carro. Daqui a dois meses, no tribunal, ele [admitirá]_{ev1} [ter circulado em excesso de velocidade]_{ev2}, [tendo causado, por isso, o acidente]_{ev3}.
- b. presente < (ev2 < **ev3**) < ev1

⁴ Leal (2001) usa o traço [+PASSADO] para referir anterioridade ao ponto de perspetiva. Para clareza da exposição, no presente trabalho, o traço [+PASSADO] será usado para eventos localizados antes do presente ($[\text{ev} < n]$) e o traço [+ANTERIOR] para a anterioridade relativamente a um ponto de perspetiva, seguindo Zwart (2017a, 2017b).



Por último, observa-se ainda que o GC de não anterioridade pode ser substituído sem diferenças semânticas significativas pelo gerúndio simples, doravante GS (cf. Mória & Viotti, 2005: 725), o que não acontece no caso do GC de anterioridade. Este contraste é ilustrado em (15) e (16).

- (15) A Rita saiu de casa atrasada, {tendo ido / indo} diretamente ao aeroporto.
 (16) A Rita saiu de casa atrasada, {tendo tomado / *tomando} o pequeno-almoço à pressa na cozinha.

Resumindo, observa-se uma assimetria entre o GC de anterioridade e o de não anterioridade (cf. Tabela 1), no que respeita à posição relativamente à matriz, aos traços do núcleo T matriz e à possível alternância com a forma simples do gerúndio.

	GC de anterioridade	GC de não anterioridade
a) Posição	pré- ou pós-matriz	só pós-matriz
b) T matriz	sem restrições especiais	[+ ANTERIOR]
c) Alternância com o GS	normalmente não possível	normalmente possível

Tabela 1. Diferenças entre o GC de anterioridade e de não anterioridade

2.3. Uma análise morfológica e as suas limitações

O GC de não anterioridade ainda não foi estudado em profundidade e há relativamente poucos trabalhos que o mencionam. As análises até agora propostas assumem implicitamente uma abordagem morfológica, isto é, o GC aparece (i) quando a oração gerundiva expressa anterioridade relativamente à situação matriz (representado na tabela 2 como [+ ANTERIOR]) ou (ii) quando a situação descrita pela gerundiva ocorre antes do momento de enunciação (representado como PASSADO). Zwart (2017a, 2017b, c.p.) defende que as formas verbais compostas são selecionadas a partir do paradigma morfológico e inseridas pós-sintaticamente em função dos traços temporais presentes na derivação. Uma possível versão do paradigma do gerúndio português está representada na Tabela 2. O GC estaria associado a todos os casos de anterioridade da situação descrita pela gerundiva relativamente à situação matriz, enquanto o GS estaria associado às relações não anteriores (isto é, posterioridade, sobreposição ou indefinição temporal). No caso das situações [- ANTERIOR] e [PASSADO], poderia adicionalmente aparecer o GC, explicando-se assim a livre alternância entre as duas formas.

	[- ANTERIOR]	[+ ANTERIOR]
FUTURO	GS	GC
PRESENTE	GS	GC
PASSADO	GS/GC	GC

Tabela 2. Paradigma verbal do gerúndio

O facto de o GC de não anterioridade apenas poder ocorrer à direita da matriz poderia ser derivado de restrições pragmáticas sobre a ordem de sequências narrativas. Ou seja, o GC de posterioridade seria impossível à esquerda da matriz, não por motivos sintáticos, mas pela ordenação natural de duas situações (na ausência de ordenadores explícitos, do tipo de *anteriormente*). Isto é semelhante ao que encontramos na coordenação copulativa de orações finitas, como exemplificado em (17) e (18). Um argumento semelhante é avançado por Lobo (2006: 17), quando defende que “as relações que se estabelecem entre subordinada



periférica e principal poderão [...] ser atribuídas a mecanismos discursivos independentes, do tipo dos que operam em sequências de frases justapostas no discurso”.

- (17) A Ana saiu de casa e foi para o aeroporto.
(18) *A Ana foi para o aeroporto e saiu de casa.

No entanto, esta análise morfológica apresenta vários problemas. Em primeiro lugar, seria pouco económico o paradigma verbal disponibilizar tanto o GS como o GC para expressar situações no passado cuja relação com a matriz é de não anterioridade. Embora haja, de facto, vários casos em que duas formas expressam o mesmo valor (por exemplo, o pretérito mais-que-perfeito simples e composto ou – em muitos contextos – o futuro sintético e o perifrástico), nestes casos observa-se normalmente também (pelo menos) uma diferença de registo. Nos casos do futuro e do pretérito mais-que-perfeito, as formas simples são mais frequentes na linguagem formal e escrita, enquanto as formas complexas são mais frequentes em registos informais e/ou orais. No caso da alternância entre GS e GC, por outro lado, a meu ver, esta diferença de registo não se verifica, pois ambas as formas ocorrem predominantemente associadas ao discurso formal e/ou escrito. Adicionalmente, assumir que o GC pode marcar diretamente tanto [+ ANTERIOR, PASSADO] como [- ANTERIOR, PASSADO] (valores a que as orações com GC podem, de facto, estar associados) significaria assumir que uma única forma pode expressar dois valores opostos (cf. (19)). Isto não iria apenas contra o princípio da economia, como também contra o princípio da univocidade da linguagem⁵.

- (19) A Ana foi ao cinema, tendo jantado {antes / depois}.

Em segundo lugar, as restrições pragmáticas sobre a ordenação de sequências narrativas, referidas acima, apenas conseguem explicar a impossibilidade de o GC ocorrer à esquerda da matriz nos casos que envolvem expressão de posterioridade, não nos que envolvem expressão de sobreposição ou mesmo indefinição temporal. Como observamos em (20), o GS associado a um valor de sobreposição pode ocorrer tanto à direita como à esquerda da frase matriz, mas o GC associado a este mesmo valor apenas ocorre à direita da frase matriz. Este contraste não pode ser explicado por restrições pragmáticas que façam apelo apenas à ordenação natural sequencial das situações.

- (20) a. A Ana saiu de casa, {tendo levado / levando} um chapéu-de-chuva consigo.
b. {*Tendo levado / Levando} um chapéu-de-chuva consigo, a Ana saiu de casa.

Por último, uma análise puramente morfológica levanta algumas questões sobre a codificação sintática da informação temporal e discursiva. Stowell (2007) defende que a expressão sintática do tempo se realiza através de um núcleo funcional que contém informação sobre a ordenação temporal e que seleciona dois predicados denotadores de tempo como argumentos. O intervalo da situação a ser localizada é o complemento deste núcleo, enquanto o ponto de referência temporal se encontra na posição de especificador e c-comanda o núcleo e o complemento. Assumindo esta ideia, colocam-se algumas questões com frases complexas como a de (14a), aqui repetida como (21a). Neste exemplo, faz-se referência a um momento posterior ao presente (“daqui a dois meses”) que justifica as marcas futuras do verbo na oração matriz (*admitirá*). Este verbo, por sua vez, seleciona como complemento uma frase complexa, na qual se descrevem os eventos 2 (*ter circulado em excesso de velocidade*) e 3 (*tendo causado o acidente*). Tanto o evento 2 como o evento 3 ocorrem antes do momento de referência futuro associado à admissão da culpa, satisfazendo assim as condições para que o

⁵ No mesmo sentido, e contestando a hipótese de que é o morfema de gerúndio que veicula diretamente os valores interproposicionais associados às orações gerundivas, Mória & Viotti (2005: 718-719) referem que “se os valores em causa fossem directamente marcados pelo morfema de gerúndio, estaríamos perante um caso – inédito e, no mínimo, bastante exótico – de homonímia antonímica” e defendem que “o morfema do gerúndio é um marcador meramente sintático de conexão proposicional, isto é, um morfema semanticamente nulo”.



GC expresse o evento 3. No entanto, a oração que descreve o evento 3 está adjunta à oração que descreve o evento 2 e não à frase matriz mais alta (que refere o momento futuro em causa). Por motivos de localidade sintática, esse momento identificado na frase matriz não devia estar imediatamente disponível para localizar a situação descrita pela oração mais encaixada.

- (21) a. Uma bruxa olha para a sua bola de cristal e prediz o seguinte: Amanhã o Pedro terá um acidente de carro. Daqui a dois meses, no tribunal, ele [admitirá]_{ev1} [ter circulado em excesso de velocidade]_{ev2}, [**tendo causado**, por isso, o acidente]_{ev3}.
 b. presente < (ev2 < **ev3**) < ev1

O objetivo deste trabalho é propor uma análise sintática que dê conta das assimetrias observadas entre o GC de anterioridade e de não anterioridade e que resolva os problemas da análise morfológica aqui descritos. Para este efeito, segue-se um breve excuro às línguas germânicas, que apresentam um fenómeno que partilha algumas das propriedades do GC de não anterioridade.

3. Os particípios parasíticos nas línguas germânicas

3.1. Propriedades dos particípios parasíticos

Os particípios parasíticos são um fenómeno descrito em várias línguas germânicas (por exemplo, no norueguês, no frísio, no alemão e na variedade de Stellingwerf do neerlandês) e caracteriza-se pela ocorrência de uma forma participial selecionada por um verbo que geralmente só se combina com complementos infinitivos (Wurmbrand, 2012: 155). Em (22a), é apresentado um exemplo do norueguês, em que o verbo *lese* ‘ler’ aparece como particípio, selecionado pelo modal *ville* ‘querer’ (particípio parasítico em negrito, auxiliar sublinhado).

- (22) a. *Jeg hadde villet **lest** boka.*
 eu tinha querido lido livro.DEF
 b. *Jeg hadde villet *lese* boka.*
 eu tinha querido ler livro.DEF
 ‘Eu teria querido ler o livro.’ (Norueguês, Wiklund, 2001: 201)

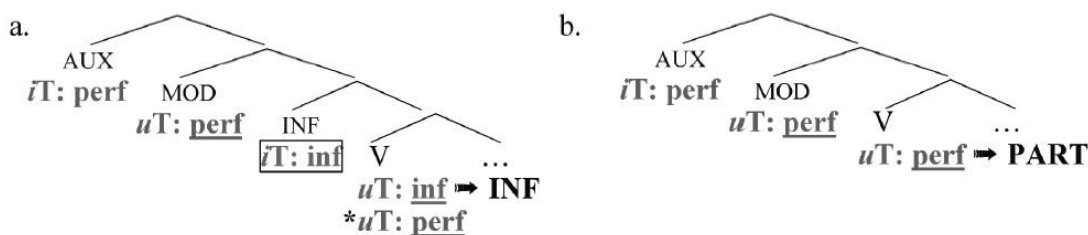
Observa-se uma variação significativa nas diferentes línguas que apresentam esta estrutura, nomeadamente no que diz respeito à ordem de palavras e à morfologia das outras formas verbais na frase (cf. Zwart, 1995; Dikken & Hoekstra, 1997; Wiklund, 2001; Vogel, 2009; Wurmbrand, 2012, e.o.). No entanto, todos os particípios parasíticos compartilham as seguintes propriedades: (i) a forma participial é opcional, podendo alternar livremente com o infinitivo, como exemplificado em (22b), (ii) os particípios parasíticos só ocorrem c-comandados por um núcleo auxiliar e (iii) o particípio não veicula o valor perfeitivo típico dos particípios, tendo a mesma interpretação que o infinitivo (Wurmbrand, 2012: 155).

3.2. Análise sintática proposta por Wurmbrand (2012)

Para explicar a construção com formas participiais parasíticas, assim como para dar conta da variação nas diferentes línguas germânicas, Wurmbrand propõe uma análise sintática deste fenómeno e defende que os particípios parasíticos surgem de uma necessidade de valoração de traços temporais não interpretáveis e não valorados em V (2012: 156). Esta valoração ocorre em sentido ascendente, numa operação que a autora



chama *Reverse Agree*⁶. Wurmbrand defende que os verbos modais germânicos se podem combinar com dois tipos de complementos, dependendo do tipo de estrutura (*ibid.*: 156-7). Nos contextos de reestruturação, o modal combina-se diretamente com uma projeção verbal (vP ou VP), enquanto, nos casos de não reestruturação, o modal se combina com a projeção de um núcleo aspetual infinitivo, que a autora chama INF (*ibid.*). Em ambos os casos, o núcleo verbal suscetível de ocorrer como particípio parasítico é inserido na derivação com traços temporais não interpretáveis e não especificados, que necessitam de ser valorados antes de *Spell-out*. Esta valoração dá-se através de uma relação de *Reverse Agree*, isto é, a sonda (o núcleo verbal com traços subespecificados) é c-comandado pelo alvo (o núcleo mais próximo com traços compatíveis). Nos casos de não reestruturação, o alvo mais próximo é o núcleo aspetual INF, cujos traços temporais estão valorados para [iT: inf]. Logo, quando V estabelece uma relação de *Reverse Agree* com este núcleo, emerge o infinitivo (cf. árvore a, onde os traços valorados em *Reverse Agree* estão sublinhados). No entanto, quando estamos perante uma construção de reestruturação, este núcleo aspetual INF está ausente e, por isso, V precisa de sondar mais alto até encontrar um alvo apropriado. Neste caso, o alvo mais próximo com traços compatíveis é o núcleo auxiliar, cujos traços estão valorados para [iT: perf], emergindo assim um particípio (cf. árvore b). Ou seja, o núcleo auxiliar valora tanto os traços do núcleo modal como os do núcleo verbal mais baixo, provocando a ocorrência de dois particípios⁷.



3.3. Semelhanças e diferenças com o gerúndio composto de não anterioridade

Como foi descrito na secção 2.2., o GC de não anterioridade apresenta propriedades que o diferenciam claramente do GC de anterioridade, nomeadamente: (i) só pode ocorrer à direita da oração matriz, (ii) só pode ocorrer com um T matriz [+ ANT] e (iii) pode alternar livremente e sem efeitos semânticos com o GS. Comparando estas características com as que foram apresentadas na secção 3.1. para os particípios parasíticos nas línguas germânicas, observam-se algumas semelhanças.

Em primeiro lugar, em ambos os casos a forma participial não veicula o seu valor semântico básico (anterioridade/perfetivo), tendo a mesma interpretação que a forma simples (GS ou infinitivo). No caso do GC, o valor que esta forma veicula basicamente é a relação temporal de anterioridade (da situação expressa

⁶ Na nossa análise usaremos o termo *Upward Agree*, seguindo Zeijlstra (2012). Na sua perspetiva, o *Reverse Agree* é apenas um dos possíveis casos do *Upward Agree*, que apenas se dá como efeito colateral quando já existe uma relação de *Agree* canónica, isto é, em sentido descendente. Na perspetiva de Wurmbrand, “Reverse Agree is thus essentially a syntactic mechanism to implement morphological selection” (2012: 155). No entanto, para efeitos deste trabalho, esta distinção não é relevante e podemos entender os dois termos como sinónimos.

⁷ Isto levanta algumas questões sobre a natureza da própria operação de *Agree*, nomeadamente em relação ao efeito de intervenção e à condição de ativação (cf. discussão em Zeijlstra, 2012, Bjorkman & Zeijlstra, no prelo, e.o.).



pela gerundiva relativamente à situação expressa pela matriz), enquanto nos particípios parasíticos o valor básico é o de perfeitividade.

Em segundo lugar, e relacionado com o primeiro ponto, tanto o GC de não anterioridade como os particípios parasíticos podem alternar livremente e sem efeitos semânticos com outras formas distintas: o GS e o infinitivo, respetivamente.

Em terceiro lugar, observam-se restrições em relação aos núcleos que podem legitimar a emergência destes dois fenómenos. O GC de não anterioridade só se obtém se o T matriz (isto é, o T da frase a que a gerundiva está diretamente adjunta, geralmente uma frase matriz, mas possivelmente uma frase ela própria encaixada, cf. exemplos do tipo de (14a)) contém um traço [+ ANTERIOR]. Os particípios parasíticos, por seu lado, apenas podem ocorrer sob c-comando de um núcleo auxiliar, que, na análise de Wurmbrand, tem um traço [+ PERFETIVO]. Isto relaciona-se com as restrições sobre a posição que pode ocupar na estrutura da frase. Embora existam particípios parasíticos tanto à esquerda como à direita do auxiliar, observa-se que esta possibilidade é restringida pelo parâmetro de direcionalidade do núcleo. Isto é, em norueguês, por exemplo, o particípio parasítico apenas pode ocorrer à direita, como visto em (21a), enquanto em línguas de núcleo final, como o frísio, o particípio parasítico ocorre à esquerda do núcleo que o legitima⁸, como exemplificado em (23). Em termos sintáticos, o critério relevante parece ser o c-comando por um núcleo auxiliar (cf. Wurmbrand, 2012: 155). O GC de não anterioridade, por sua vez, apenas ocorre à direita da matriz (na secção 4.2., veremos como esta restrição também se pode relacionar com a condição de c-comando).

- (23) *Hy soe it dien wollen ha.*
 ele teria o feito querido ter
 ‘Ele teria querido fazê-lo.’ (frísio, den Dikken e Hoekstra, 1997: 1058)

Por último, constata-se que o GC de não anterioridade e os particípios parasíticos cumprem funções diferentes na frase. Enquanto a oração gerundiva ocupa o papel de adjunto, os particípios parasíticos aparecem como complementos num complexo verbal.

Apesar de os dois fenómenos apresentarem várias diferenças, nomeadamente em relação à função na frase e aos traços temporo-aspetuais envolvidos, observam-se alguns paralelismos em relação à sua interpretação não típica, à sua substituíbilidade por uma forma menos marcada no sentido de Zwart (2017b) (GS e infinitivo, respetivamente) e às restrições sobre a posição na estrutura funcional da frase (cf. Tabela 3 para um resumo). Na secção seguinte, propor-se-á uma análise sintática do GC de não anterioridade que se inspira na análise proposta por Wurmbrand (2012) para os particípios parasíticos.

	GC de não anterioridade	Particípios parasíticos (Wurmbrand, 2012)
Posição relativamente à frase matriz	apenas à direita	à esquerda ou à direita (só sob c-comando)
Restrições sobre o núcleo que os c-comanda	[+ ANTERIOR]	[+ PERFETIVO]
Equivalências de interpretação	idêntica ao GS	idêntica ao infinitivo
Alternância sem efeitos semânticos	possível com GS	possível com infinitivo
Função na frase matriz	adjunto	complemento

Tabela 3. Diferenças e semelhanças entre o GC de não anterioridade e os particípios parasíticos

⁸ O frísio permite ainda a ocorrência de particípios parasíticos à direita do verbo em casos de movimento do verbo (cf. Wurmbrand, 2012: 157). A extensão do presente trabalho não nos permite expor estes casos com mais pormenor.



4. Uma análise sintática do gerúndio composto de não anterioridade em português

4.1. A proposta

Nesta secção, defenderemos que o GC de não anterioridade surge da subespecificação dos traços temporais do núcleo T gerundivo e da subsequente valoração destes traços contra o T matriz em *Upward Agree*. Porém, antes de apresentar esta análise com mais pormenor, expor-se-ão as premissas necessárias que sustentam esta hipótese.

Em primeiro lugar, assumimos, com Lobo (2006: 16-17), que pode haver adjunção tanto à esquerda como à direita. Em segundo lugar, partimos do pressuposto de que há várias posições de adjunção disponíveis na estrutura da frase. Lobo distingue duas posições de adjunção: uma periférica (a TP ou CP) e outra integrada (a VP ou vP) (*ibid.*). Para explicar a dependência temporal nas orações gerundivas integradas (por exemplo, de modo), a autora argumenta que o “T do gerúndio é um T defectivo, não totalmente especificado, e que o núcleo C da gerundiva contém traços temporais fortes não interpretáveis que terão de ser verificados através da subida de V-T ou através da lexicalização de C” e que a dependência temporal surge como resultado duma relação de *Agree* núcleo-núcleo entre o T matriz e o T gerundivo (*ibid.*). Assumiremos com a autora a defetividade do núcleo T gerundivo por subespecificação de traços temporais e a subida obrigatória do complexo V-T para C em gerundivas sem complementador realizado. Sendo que C é “[the] domain, where the existing structure is linked to the larger structure” (Ritter & Wiltschko, 2014: 1334), assumimos que os traços temporais fortes em C dizem respeito à relação discursiva entre as situações descritas pela frase matriz e pela adjunta.

Seguiremos também a teoria de *Agree* proposta por Zeijlstra (2012, cf. também Bjorkman & Zeijlstra, no prelo), que defende uma versão desta relação em sentido ascendente (*Upward Agree*), com o alvo a c-comandar a sonda. Por último, usar-se-á a teoria de subespecificação variável de traços de Rooryck (1994). Nesta perspetiva, um traço F pode ser valorado como [+ F] ou [- F], mas também pode estar subespecificado. Esta subespecificação pode ser variável (representada como [? F]), caso em que o traço precisa de ser valorado durante a derivação, ou então invariável (representada como [0 F]), caso em que o traço tem um valor neutro e não pode ser valorado (cf. por exemplo Martins, 2000, para uma aplicação desta teoria de traços ao português).

Partindo destes pressupostos, vejamos agora com mais pormenor a análise proposta. No caso do GC de anterioridade, o C gerundivo seria inserido com um traço [+ ANT] para codificar a relação discursiva. Quando o complexo V-T sobe para C, valora os traços temporais subespecificados de T contra C para [+ ANT]. Logo, surge o gerúndio composto, conforme está representado de forma simplificada abaixo para a frase (24).

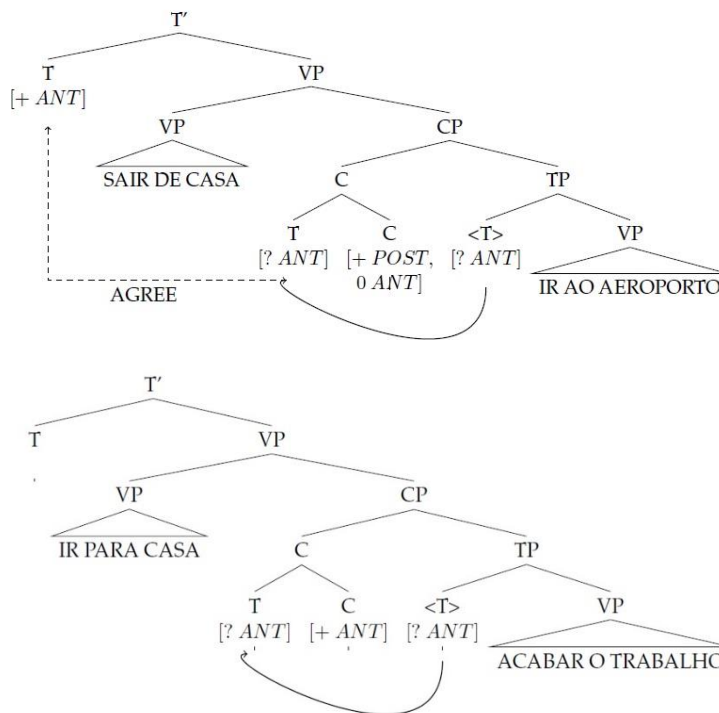
(24) A Marisa foi para casa, tendo acabado o trabalho (antes).

Pelo contrário, quando a relação temporal é de não anterioridade, a valoração de traços temporais em C não consegue explicar a ocorrência do GC. A situação expressa pela oração gerundiva não é anterior à situação da frase matriz (pode ser sobreposta, posterior ou ter uma ordem temporal não especificada), ou seja, o núcleo C da gerundiva não contém um traço [+ ANT]. Defendemos que, no caso do GC de não anterioridade, o núcleo C não é codificado como [- ANT], mas como [0 ANT]. Lembramos que a subespecificação não variável, representada por [0], significa que o traço tem um valor neutro e não está disponível para valoração. No entanto, se (i) o núcleo T da frase matriz c-comandar o núcleo C da gerundiva (que contém o complexo V-T) e (ii) o T da frase matriz tiver o traço [+ ANT], então o núcleo T da gerundiva valora o seu traço temporal para [+ ANT] em *Upward Agree*. Isto é, o GC não aparece por causa de um traço de anterioridade em C (que diria respeito à ordenação temporal das duas situações), mas sim por uma necessidade de valoração de traços contra o alvo mais próximo com um traço compatível, isto é, o T matriz. A derivação do GC de não anterioridade está esquematicamente representada em (25).



Da condição (i) segue-se que este fenómeno só deveria ocorrer em gerundivas postpostas, porque apenas nestas pode haver uma relação de c-comando entre os dois T (cf. discussão na secção seguinte). Isto explicaria por que razão nas gerundivas antepostas a interpretação de anterioridade é a única disponível. Da condição (ii) segue-se que o GC de não anterioridade só deveria ocorrer quando o T matriz contivesse um traço [+ ANT]. Contrastivamente, se o T matriz contivesse um traço [- ANT] (por exemplo, um tempo verbal presente ou futuro), o T gerundivo valoraria o seu traço para [- ANT] e ocorreria o gerúndio simples.

(25) A Patrícia saiu de casa, tendo ido ao aeroporto.



Agora, como é que esta análise consegue dar conta da substituíbilidade do GC pelo GS nos contextos de não anterioridade? Intuitivamente, esperaríamos que os núcleos C em casos de não anterioridade tivessem um traço [- ANT], que provocaria a emergência do gerúndio simples quando o complexo V-T sobe para C para valorar os seus traços subespecificados. Por exemplo, uma relação de posterioridade narrativa teria a seguinte combinação de traços [+ POST, - ANT], sendo que o traço [- ANT] seria uma consequência direta do traço [+ POST]. Defenderei, no entanto, e crucialmente, que o traço [+ POST] não implica necessariamente o traço [- ANT], podendo ser compatível com, por exemplo, [0 ANT]. Em favor desta assunção (e sem prejuízo de que ela possa ser melhor justificada), refiro a particularidade do pretérito perfeito composto em português, por oposição às outras línguas românicas. Em português, o pretérito perfeito composto expressa situações cujo início se localiza no passado e que se podem prolongar até ao presente ou futuro (adquirindo um valor iterativo no caso de situações eventivas, cf. também Peres, 1993: 26), como exemplificado em (26a). A combinação de traços (neste caso, traços em T) poderia ser interpretado como [+ ANT, 0 POST]. Em outras línguas românicas, como o castelhano, o francês ou o italiano, por exemplo, o pretérito perfeito composto expressa uma situação



localizada no passado, sem possibilidade de prolongamento da situação em questão até ao futuro ([+ANT, - POST]), como ilustrado em (26b-d).

- (26) a. O Nuno tem comido maçãs. (PT)
 → Implicatura: O Nuno vai continuar a comer maçãs.
 b. Nuno ha comido manzanas. (ES)
 → Sem implicatura para o futuro
 c. Nuno a mangé des pommés. (FR)
 → Sem implicatura para o futuro
 d. Nuno há mangiato delle mele. (IT)
 → Sem implicatura para o futuro

Propõe-se, portanto, que em português as relações discursivas que invocam posterioridade, por exemplo, podem ser expressas por um núcleo C [+ POST, - ANT] (que daria lugar ao GS), assim como por uma variante mais “defetiva” deste núcleo [+ POST, 0 ANT], em que o traço de anterioridade tem um valor neutro (que daria lugar ao GC)⁹. Por este mesmo motivo, deveria ser impossível o GC de sobreposição em que a situação descrita pela frase matriz é incluída no intervalo da situação descrita pela oração gerundiva, dado que, neste caso, os traços temporais em C deveriam ser [+ POST, + ANT], sendo impossível a subespecificação do traço de anterioridade (cf. nota de rodapé 2).

4.2. Vantagens e problemas numa análise sintática

Uma análise sintática deste fenómeno tem a vantagem de conseguir captar a assimetria entre o GC de anterioridade e de não anterioridade, descrita na secção 2.2.

Em primeiro lugar, o GC de anterioridade pode ocorrer tanto à esquerda como à direita da matriz, já que o traço de anterioridade responsável pela ocorrência da forma composta se encontra no núcleo C da própria gerundiva, não dependendo, portanto, de elementos externos à gerundiva. O GC de não anterioridade, por outro lado, ocorre apenas à direita da matriz. Tratando-se de uma oração adjunta e assumindo com Lobo que a adjunção é possível tanto à esquerda como à direita (2006: 16-17), é surpreendente que o GC de não anterioridade só possa ocorrer à direita da matriz. No entanto, dado que um dos requisitos estruturais é uma relação de c-comando entre o T matriz e o T gerundivo, explica-se facilmente esta assimetria. Para haver uma relação de *Upward Agree* entre os dois T, a oração gerundiva tem de estar adjunta sob o escopo de T matriz. Independentemente da categoria de adjunção que se assume¹⁰, uma gerundiva adjunta à esquerda nesta posição apareceria interpolada entre o sujeito (Spec de TP), o verbo (em T) e o resto do VP matriz. É por este motivo que o GC de não anterioridade só pode ocorrer à direita da matriz.

Em segundo lugar, o GC de anterioridade pode ocorrer independentemente dos traços do T matriz, já que os traços relevantes estão no próprio C gerundivo. O GC de não anterioridade, pelo contrário, é sempre o resultado da valoração contra um T matriz (isto é, o T da oração a que a gerundiva está adjunta); logo, um traço [- ANT] nessa oração matriz provoca a ocorrência do GS.

⁹ A ideia de que o português dispõe duma versão mais defetiva do núcleo C gerundivo também está em linha com dados de outras línguas românicas recolhidos no âmbito da minha dissertação (cf. também López, 2018). Em galego, castelhano e francês, por exemplo, o GC de posterioridade não é possível, o que parece indicar que estas línguas apenas possuem uma versão completamente especificada do núcleo em questão (C [+ POST, - ANT]), que impede a aparição do GC de posterioridade. O GC de indefinição temporal, por outro lado, é aceitável em todas as línguas referidas. Isto é, quando a relação discursiva não especifica a ordenação temporal das duas situações, ou seja, quando os traços temporais em C gerundivo não estão especificados, torna-se possível a ocorrência do GC de não anterioridade.

¹⁰ VP ou vP, como proposto por Lobo (2006) para as gerundivas integradas, ou então uma posição diferente, que as distingue das gerundivas integradas tradicionais.



Em terceiro lugar, o GC de não anterioridade pode ser substituído livremente e sem afetar a interpretação da frase pelo GS, já que a forma composta não é portadora da informação semântica de anterioridade (associada a uma relação discursiva) e é a mera consequência de uma necessidade de valoração de traços.

Por último, esta análise também faz a seguinte predição: o GC de não anterioridade não deveria ser possível quando o C gerundivo é lexicalmente realizado, dado que neste caso o complexo V-T não poderia subir para C e a presença de material lexical em C interviria numa possível relação de *Agree* com o T matriz. Esta predição parece estar em linha com o facto de as gerundivas introduzidas pela preposição *em* só se combinarem com o GS (cf. Mória & Viotti, 2004: 137; Lobo, 2006: 3).

No entanto, a análise proposta neste trabalho também apresenta problemas. Em primeiro lugar, depende crucialmente da noção de *Upward Agree*, sendo incompatível com a versão tradicional de *Agree* como proposta por Chomsky (2000, 2001, cf. também Pesetsky & Torrego, 2007), em que a sonda *c*-comanda o alvo. Dificilmente se justificaria uma defetividade do T matriz que o obrigasse a estabelecer uma relação de *Agree* com o T da gerundiva. Consideramos, porém, que na literatura foram apresentados argumentos convincentes a favor da noção de *Upward Agree*, pelo menos para certos fenómenos (cf. Zeijlstra, 2012; Wurmbrand, 2012; Bjorkman & Zeijlstra, no prelo, e.o.). Um dos argumentos mais fortes avançados por estes autores diz respeito às sequências de tempos, em que uma forma verbal finita numa oração subordinada aparece num tempo passado sem valor passado, como ilustrado em (27), com a forma *was* ‘era’. Considerando que, num sentido amplo, o GC de não anterioridade se insere neste grupo de fenómenos, parece-nos plausível assumir que estamos perante mais um caso de *Upward Agree*.

- (27) *John said that Mary was very happy about her new job.*
‘O John disse que a Mary é muito feliz pelo seu novo emprego.’¹¹

Um segundo problema da análise proposta diz respeito à subclassificação que se tem feito das orações gerundivas adjuntas em português, nomeadamente por Lobo (2006, 2013, e.o.). A autora mostra que há pelo menos dois tipos de gerundivas adjuntas distintas, com um comportamento bem diferenciado. Existem, por um lado, as gerundivas integradas (por exemplo, com valor de modo, como em (28)), que estariam adjuntas numa posição baixa (possivelmente VP ou vP), e, por outro lado, as gerundivas periféricas, que estariam adjuntas numa posição alta (possivelmente TP ou CP¹²) (Lobo, 2006: 16-17).

- (28) A Catarina cozinhava cantando.

Lobo classifica as orações de GC de posterioridade como gerundivas periféricas (2006: 10) e defende que a forma composta, de facto, “não é geralmente possível” nas gerundivas integradas (*ibid.*: 15). Visto que a análise sintática proposta no presente trabalho depende fundamentalmente de uma adjunção abaixo de T, de

¹¹ Também é possível a leitura passada, em que a Mary era feliz pelo novo emprego, mas já não o é.

¹² Note-se, no entanto, que parece haver maior evidência empírica para propor que a adjunção se dê abaixo de CP. Com efeito, em construções em que C é preenchido, as orações gerundivas habitualmente consideradas periféricas, como por exemplo as causais (cf. Lobo, 2006) ocorrem à direita do material em C, como ilustram as frases em (i) e (ii), abaixo. Esta ordem de palavras seria incompatível com a adjunção a CP, que, invariavelmente, colocaria a gerundiva ou à esquerda do material em CP (adjunção à esquerda) ou em posição final absoluta (adjunção à direita).

(i) *Acho que, tendo fechado a porta à chave, o Zé se sentia tranquilo.*
(ii) *Quem é que, tendo fechado a porta à chave, se sentia tranquilo?* (exemplos adaptado de Lobo, 2006: 13)



seguida, discutir-se-ão com mais pormenor as propriedades utilizadas por Lobo para distinguir as gerundivas integradas das periféricas.

A autora propõe, por um lado, diferenças internas à oração gerundiva e, por outro lado, diferenças no seu comportamento sintático em relação a certos fenómenos. As propriedades internas são as seguintes: (i) impossibilidade de as gerundivas integradas terem um sujeito lexicalmente realizado, (ii) correferência não obrigatória do sujeito nulo da gerundiva periférica e do sujeito da matriz, (iii) possibilidade de as periféricas apresentarem um tempo independente da matriz, (iv) impossibilidade de o GC ocorrer nas integradas e (v) associação das integradas às relações discursivas de modo/meio, modo/condição ou simultaneidade (Lobo, 2006: 10-14). A meu ver, estas propriedades internas são úteis para distinguir certos tipos de gerundivas (de modo vs. causais, por exemplo); no entanto, não são argumentos suficientes para descartar uma adjunção abaixo de TP do GC de não anterioridade. As propriedades (i), (ii) e (iii) mostram que existem orações gerundivas que têm de estar obrigatoriamente inseridas numa posição baixa, por uma questão de controlo obrigatório, e que parecem ter uma estrutura funcional muito mais defetiva. Contudo, não nos dizem nada sobre a posição de adjunção das chamadas gerundivas periféricas. Das orações completivas (finitas e infinitivas) sabemos que a inserção abaixo de TP não impede a ocorrência de sujeitos lexicalmente realizados, nem a referência disjunta de um sujeito nulo encaixado, nem a independência temporal (cf. por exemplo Gonçalves *et al.* 2014). As propriedades (iii) e (iv), por outro lado, descrevem um tipo de gerundivas, sem fornecer argumentos teóricos sobre a posição em que estas se adjungem.

Vejam agora o comportamento sintático dos dois tipos de gerundivas que parece causar problemas mais significativos para a nossa análise. Lobo propõe os seguintes fenómenos para distinguir gerundivas integradas e periféricas (2006: 7-10): a possibilidade de as integradas (vi) poderem ser clivadas, (vii) poderem estar sob escopo da negação matriz ou de advérbios de foco, (viii) poderem constituir respostas a interrogativas-*qu*, (ix) poderem ocorrer em construções interrogativas e negativas alternativas e (x) ocorrerem tipicamente em posição final. Observa-se, nas frases apresentadas em (29a-d), que, de facto, a maioria destes fenómenos dificilmente são compatíveis com o GC de não anterioridade. No entanto, observamos que pelo menos alguns destes fenómenos são compatíveis com GC de anterioridade, como mostrou um breve inquérito informal e como é ilustrado em (30a-d).

- (29) **GC de posterioridade:**
- a. *Foi tendo ido diretamente para o aeroporto que a Ana saiu de casa. (Não foi tendo passado antes pela casa da Clara.)
 - b. ??/*A Ana não saiu de casa tendo ido diretamente para o aeroporto (mas sim tendo passado antes pela casa da Clara).
 - c. - Quando é que a Ana saiu de casa?
- *Tendo ido para o aeroporto.
 - d. OK/?A Ana saiu de casa tendo ido diretamente para o aeroporto ou tendo passado antes na casa da Clara?
- (30) **GC de anterioridade:**
- a. OK Foi tendo comido apenas uma sandes que o Pedro fez a viagem. (Não foi tendo almoçado antes.)
 - b. OK O Pedro não fez a viagem tendo já almoçado, mas sim tendo comido apenas uma sandes.
 - c. - Quando é que a Ana foi para casa?
- ??/*Tendo acabado o trabalho.
 - d. OK O Pedro fez a viagem tendo já almoçado ou tendo comido apenas uma sandes?



Os dados em (30) indicam que o GC de anterioridade pode apresentar um comportamento semelhante ao das gerundivas integradas. Sendo pouco plausível assumir que as gerundivas temporais requerem um local de adjunção diferente em função da relação temporal expressa, estes exemplos mostram-nos que as adjuntas temporais com GC podem estar adjuntas numa posição mais baixa do que tem sido assumido na literatura. Para além disso, nalguns casos, a impossibilidade de o GC de não anterioridade ocorrer nos contextos identificados por Lobo (2006), ilustrados em (29) poderia ser explicada pela análise sintática aqui apresentada. Por exemplo, assumindo que o GC de não anterioridade só pode ocorrer quando estabelece uma relação de *Upward Agree* com o T matriz, não deveria ser possível quando é quebrada esta relação estrutural. No caso da clivada em (29a) e da resposta à interrogativa-qu em (29c), a gerundiva encontra-se deslocada/isolada relativamente à oração matriz, o que poderia explicar a sua agramaticalidade. As orações (29b) e (29d), por outro lado, não foram considerados completamente agramaticais pelos falantes consultados. A questão em apreço é algo complexa e não pode ser aqui tratada com detalhe. Será necessário desenvolver um estudo mais aprofundado das gerundivas adjuntas com GC para justificar a sua exclusão de certos contextos sintáticos¹³.

5. Conclusões

O GC de não anterioridade é certamente um fenómeno intrigante e ainda pouco estudado. Neste trabalho apresentaram-se as propriedades que o distinguem do GC “típico” de anterioridade, nomeadamente (i) a posição da oração em que ele ocorre relativamente à matriz, (ii) a relação com o T da frase matriz e (iii) a sua substituíbilidade pelo GS. Tentámos mostrar que as análises morfológicas não conseguem dar conta destas propriedades de forma satisfatória. Uma comparação com os particípios parasíticos das línguas germânicas (formas participiais em contextos em que se esperaria uma forma infinitiva) revela uma série de semelhanças entre ambos os fenómenos. Wurmbrand (2012) propõe uma análise sintática para os particípios parasíticos que se baseia na subespecificação de traços e no conceito de *Upward Agree*. Neste trabalho, argumentou-se a favor de uma análise sintática na mesma linha para o GC de não anterioridade em português. Esta análise permite explicar a assimetria descrita no texto acima, deixando, no entanto, em aberto várias questões, nomeadamente no que diz respeito à classificação das orações gerundivas adjuntas em português (em termos da oposição integradas/periféricas e da sua compatibilidade com certos fenómenos sintáticos) e ao comportamento do GC nos diferentes casos de sobreposição temporal (inclusão, sobreposição parcial e total). Serão também necessários estudos mais aprofundados para aferir a extensão deste fenómeno nas outras línguas românicas, assim como a sua evolução diacrónica nesta família linguística. A resposta a estas questões é objeto de trabalho em curso a apresentar futuramente.

Referências

- Asher, Nicholas & Alex Lascarides (2003) *Logics of conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
 Bjorkman, Bronwyn & Hedde Zeijlstra (no prelo) Upward Agree is superior. *Linguistic Inquiry*.
 Chomsky, Noam (2000) Minimalist Inquiries: The Framework. In R. Martin, D. Michaels & J. Uriagereka (eds.) *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press.
 Chomsky, Noam (2001) Derivation by Phase. In M. Kenstovicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 1-54.

¹³ De facto, esta exclusão não foi categórica para alguns dos falantes consultados, o que poderia eventualmente indicar a relevância de outras variáveis (por exemplo sociolinguísticas) para a análise destas construções.



- Cunha, Celso & Lindley Cintra (1987) *Nova gramática do português contemporâneo* (4ª ed.). Lisboa: António Sá da Fronteira.
- Cunha, Luís Filipe, António Leal & Purificação Silvano (2008) Relações Retóricas e Temporais em Construções Gerundivas Adverbiais. In Fátima Oliveira & Isabel Duarte (eds.) *O Fascínio da Linguagem: Homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (Actas do Colóquio). Porto, pp. 265-276.
- Dikken, Marcel den & Eric Hoekstra (1997) Parasitic participles. *Linguistics* 35, pp. 1057-1089.
- Gonçalves, Anabela, Ana Lúcia Santos & Inês Duarte (2014) (Pseudo-)Inflected infinitives and Control as Agree. In K. Lahousse & S. Marzo (eds.) *Selected papers from 'Going Romance' Leuven 2012*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 161-180.
- Kamp, Hans e Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Martins, Ana Maria (2000) Polarity items in Romance. Underspecification and lexical change. In S. Pintzuk, G. Tsoulas & A. Warners (eds.) *Diachronic Syntax. Models and Mechanisms*. Oxford: Oxford University Press, pp. 191-219.
- Móia, Telmo & Evani Viotti (2004) Differences and similarities between European and Brazilian Portuguese in the use of the «gerúndio». *Journal of Portuguese Linguistics* (3.1), pp. 111–139.
- Móia, Telmo & Evani Viotti (2005) Sobre a Semântica das Orações Gerundivas Adverbiais. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 13-15 de outubro de 2004). Lisboa: APL, pp. 715-729.
- Leal, António (2001) *O valor temporal das orações gerundivas em português*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Lobo, Maria (2006) Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 10, nº 1 e 2.
- Lobo, Maria (2013) Subordinação adverbial. In E. P. Raposo, Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda, A. Coelho da Mota, L. Seguro, & A. Mendes (Eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1981-2057.
- López, Vanessa (2018) The temporal values of the compound gerund in Romance languages. Póster apresentado no *48th Linguistic Symposium on Romance Languages*, York University, Toronto, Canada, 25 a 28 de abril de 2018.
- Peres, João (1993) Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft). *Cadernos de Semântica*, nº 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Peres, João (1994) Sobre a Semântica das Construções Perfectivas do Português. In *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (volume II). Lisboa: APL, pp. 33-58.
- Pesetsky, David & Esther Torrego (2007) The syntax of valuation and the interpretability of features. In S. Karimi, V. Samiian e W. Wilkins (eds.) *Phrasal and Clausal Architecture: Syntactic derivation and interpretation*. Amsterdam: Benjamins, pp. 262-294.
- Ritter, Elizabeth & Martina Wiltschko (2014) The composition of INFL. An exploration of tense, tenseless languages, and tenseless constructions. *Nat Lang Linguist Theory* 32, pp. 1331-1386.
- Rocha, Paulo & Diana Santos (2000) CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa. In Maria das Graças Volpe Nunes (ed.), In *Actas do V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR'2000)*. Atibaia, São Paulo, Brasil, 19 a 22 de Novembro de 2000), pp. 131-140.
- Rooryck, Johan (1994) On two types of underspecification: Towards a feature theory shared by syntax and phonology. *Probus*, nº 6, pp. 207-233.
- Stowell, Tim (2007) The syntactic expression of tense. *Lingua* (117), pp. 437-463.



- Vogel, Ralf (2009) Skandal im Verbkomplex: Betrachtungen zur scheinbar inkorrekten Morphologie in infiniten Verbkomplexen des Deutschen. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 28.2, pp. 307–346.
- Wiklund, Anna-Lena (2001) Dressing up for vocabulary insertion: the parasitic supine. *Natural Language and Linguistic Theory* 19.1, pp. 199-228.
- Wurmbrand, Susi (2012) Parasitic participles: Evidence for the theory of verb clusters. *Taal en Tongval* 64.1, pp. 129-156.
- Zeijlstra, Hedde (2012) There is only one way to Agree. *The Linguistic Review* 29 (3), pp. 491-539.
- Zwart, Jan-Wouter (1995) A note on verb clusters in the Stellingwerf dialect. In Dikken, Marcel den & Kees Hengeveld (eds.) *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 215-226.
- Zwart, Jan-Wouter (2017a) Postsyntactic morphology and the syntax of verb clusters. Keynote session, *Tenselessness Workshop*, University of Greenwich, 5/10/2017.
- Zwart, Jan-Wouter (2017b) An argument against the syntactic nature of verb movement. In Laura R. Bailey, Michelle Sheehan (eds.) *Order and structure in syntax I*, Open Generative Syntax 1. Berlin: Language Science Press, pp. 29–48.

